

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA
PORTUGUESA

ROSANGELA IZAQUIEL DE CARVALHO

**LIMA BARRETO E SUA REPRESENTATIVIDADE
SOCIAL POR MEIO DA LITERATURA**

São Bernardo - MA

2024

ROSANGELA IZAQUIEL DE CARVALHO

**LIMA BARRETO E SUA REPRESENTATIVIDADE
SOCIAL POR MEIO DA LITERATURA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão – Campus de São Bernardo, como requisito obrigatório para obtenção de nota para conclusão do curso.

Orientador (a): Profº. Dr. Fabrício Tavares de Moraes

São Bernardo – MA
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carvalho, Rosângela Izaquiel de.

Lima Barreto e sua representatividade social por meio
da literatura / Rosângela Izaquiel de Carvalho. - 2024.
42 f.

Orientador(a): Fabrício Tavares de Moraes.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2024.

1. Representação Social. 2. Preconceito Racial. 3.
Literatura e República. I. Tavares de Moraes, Fabrício.
II. Título.

ROSANGELA IZAQUIEL DE CARVALHO

**LIMA BARRETO E SUA REPRESENTATIVIDADE
SOCIAL POR MEIO DA LITERATURA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão – Campus de São Bernardo, como requisito obrigatório para obtenção de nota para conclusão do curso.

Orientador (a): Profº. Dr. Fabrício Tavares de Moraes

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Fabrício Tavares de Moraes (Orientador)

Profº. Dr. Josenildo Campos Brussio (1ª examinador)

Profº. Dr. Claudia Letícia Gonçalves Moraes
(2ªexaminador)

Dedico esse trabalho a todos que acreditaram em mim, especialmente a meu esposo e a minha família, dos quais o apoio foi essencial em cada etapa desta jornada

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus, por ter me dado forças para que pudesse concluir esse trabalho.

Gostaria de agradecer a meu esposo pelo apoio e incentivo, pela confiança e por estar sempre ao meu lado.

A meus pais que me ensinaram a importância que o estudo e dedicação possuem em nossas vidas. Meu pai dizia que, “o que ele podia oferecer aos filhos era a oportunidade de estudar” e essa fala de meu pai me deu força para não desistir do sonho de me formar.

A todos os meus professores que me auxiliaram ao longo dessa caminhada no ensino superior.

De forma especial, agradeço meu orientador Fabricio Tavares de Moraes, por seu apoio e por sua dedicação, sendo muito paciente e compreensivo, por me incentivar a melhorar e aprimorar minha escrita.

Quero também expressar minha gratidão as pessoas com as quais fiz amizade no decorrer do curso que foram de grande importância para a minha formação profissional e pessoal.

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise dos personagens (*Clara dos Anjos* e *Isaías caminha*) enquanto identidades negras nas obras *Recordações do escrivo* *Isaías Caminha* e *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, numa perspectiva sociológica da literatura como veículo de representatividade social. Como principal aporte teórico, valemo-nos de críticos literários como: Lilia Moritz Schwarcz, José Murilo de Carvalho, Nicolau Sevcenko, etc, que ressaltam a relevância da literatura e sua função social de fazer denúncias e críticas aos problemas existentes na sociedade e de teóricos que dialogam acerca do estereótipo relacionado ao negro na literatura brasileira. O recurso metodológico utilizado para a pesquisa foi o método de pesquisa bibliográfica, por meio de textos críticos, históricos e sociológicos, além das obras já mencionadas, procurando evidenciar a preocupação de Lima Barreto em certas causas sociais e políticas, o que evidencia o preconceito racial na sociedade em que vivia. Sendo assim, propõe-se que a literatura de Lima Barreto, ainda que assuma, em determinados aspectos, um posicionamento militante, o faz por meio de inventividade técnicas e novas formas estéticas, conforme se percebe nos romances aqui analisados, de maneira que o autor, em momento algum, abandona os ditames estéticos em prol da simples denúncia.

Palavras-chaves: Representação social; preconceito racial, representatividade social; Literatura e República.

ABSTRACT

The present work analyses the characters of Black identities in the novels *Recordações do escrivo* *Isaías Caminha* and *Clara dos Anjos* by Lima Barreto, from a sociological perspective which sees literature as among other things a vehicle for social representation. The main theoretical foundation is based on literary critics who emphasize the relevance of literature and its social function of denouncing and criticizing societal problems, as well as theorists who discuss stereotypes related to Black people in Brazilian literature. The methodological approach used for this research was bibliographic research, through critical,

historical, and sociological texts, in addition to the works above, seeking to highlight Lima Barreto's concern with certain social and political causes, which evidences the racial prejudice in the society in which he lived. Thus, it is proposed that Lima Barreto's literature, while taking on a militant stance in certain aspects, does so through inventive techniques and new aesthetic forms, as perceived in the novels analysed here, in such a way that the author never abandons aesthetic principles in favour of mere denunciation.

Keywords: Social representation; racial prejudice; social representation; Literature and the First Brazilian Republic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA.....	11
3. VIDA DO AUTOR.....	12
4. CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
5. TEORIAS RACIAIS E SUA INFLUÊNCIA NO SÉCULO XIX BRASILEIRO	19
6. MARCAS DA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL E RACIAL EM ALGUMAS OBRAS DE LIMA BARRETO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intenção evidenciar a relevância do papel social das produções do autor Lima Barreto, partindo de um questionamento de como alguns de seus personagens se debatem com a representatividade social, e como essa tensão reflete as condições brasileiras, ao menos na Primeira República, para a construção social do indivíduo.

No caso, trata-se, em geral, de uma literatura mais periférica que retrata a vivência das pessoas no subúrbio, assim como evidencia a representação social dessa voz igualmente periférica de um escritor que também viveu no subúrbio do Rio de Janeiro, em um momento e espaço dominados por teorias raciais alimentadas por uma elite então majoritariamente branca, vivenciando assim um período marcado por grandes transformações sociais e estruturais.

À vista disso, busca-se evidenciar o quanto a literatura produzida por Lima Barreto assume uma voz denunciadora, próxima à militância, ao falar das mazelas da sociedade em que vivia, no caso o preconceito racial e social. De igual modo, busca-se analisar como Lima Barreto se utiliza da literatura para externar suas indignações contra o comportamento reprovável da sociedade de sua época; e, por fim, discutir acerca da busca de Lima Barreto por espaço para poder produzir sua literatura – uma literatura produzida para alcançar não só os membros da elite, mas também outras camadas mais populares (embora, como se sabe, houvesse uma maior massa de analfabetos e possuídos).

Ora, Lima Barreto é um dos principais escritores dos primórdios da Primeira República que ousou usar de suas produções literárias como meio de manifestação de sua indignação diante da sociedade, evidenciando as injustiças sociais que muitas vezes o próprio autor vivenciou, alcançando o reconhecimento de uma luta constante durante sua carreira literária. Lima Barreto se opunha aos literatos de sua época por considerá-los de certa forma retrógrados, já que nosso autor batalhava por uma nova geração literária que fosse diferente tanto no ideário quanto nas convenções formais.

Como se sabe, Lima Barreto, em sua escrita, mostrava-se muito irônico, acerbo e extremamente sarcástico. E, levando em consideração seu

público, procurava escrever com simplicidade, usando uma linguagem mais direta e, por vezes, coloquial, ignorando muitas vezes os tradicionalismos estilísticos. De fato, eis o motivo pelo qual era frequentemente criticado pelos acadêmicos estabelecidos e reconhecidos da época, bem como pelos conservadores e beletistas. Assim, sua literatura, não surpreendentemente, era rejeitada pelo grosso das camadas mais privilegiadas, pois a literatura produzida pelos membros da Academia Brasileira de Letras era uma literatura voltada para a elite da sociedade brasileira, e não para o povo das classes populares.

Como se sabe, a literatura possui um papel de extrema relevância na sociedade, e, embora não seja do alcance absoluto da sociedade em geral, possui um papel importante para a formação do indivíduo e das comunidades. Nessa perspectiva, cabe aqui considerar que a literatura produzida por Lima Barreto realmente possui um papel de representatividade social. Desse modo, já o título deste trabalho busca ressaltar essa representação.

A representatividade diz respeito à maneira de como os interesses de determinados grupos, classe social ou povo estão sendo politicamente representados na sociedade e vai além de apenas visibilidade; antes, envolve estar em um espaço de decisão e ter o poder de mudar e garantir que outras pessoas, grupos ou povo também possam ter o poder de decisão. Nas palavras do teórico e pesquisador espanhol José A. Sánchez, representatividade pode ser definida como:

O reunir os traços ou características que se consideram comuns de um conjunto de coisas ou pessoas, ou que definem um grupo ou uma série de coisas ou pessoas. Trata-se do alto grau de coincidência entre como nos representamos mentalmente ou imaginariamente algo e a realização dessa imaginação em um objeto, situação ou pessoa (Sánchez, 2017, p. 62, tradução nossa);

Portanto, a representatividade, dadas as condições apropriadas, tem a capacidade de mudar as estruturas de poder a partir de dentro, contribuindo principalmente na desconstrução de estereótipos, pois estes agem retirando a individualidade das pessoas.

Ora, Lima Barreto, ao longo de sua vida, passou por diversos contratempos, incômodos e obstáculos devido à sua cor de pele e de sua classe social. Ciente da precariedade e ausência governamental das periferias de sua

época, Lima Barreto, em suas obras, denunciava o abandono e o descaso como a urbanização e falta de infraestrutura, assim como as questões raciais, questões de classes sociais e questões de gêneros (no caso, a problematização do papel da mulher e, especialmente, como eram tratadas principalmente as mulheres pretas que viviam no subúrbio).

Porém, o autor obteve pouco reconhecimento em sua vida; na verdade, foram necessárias algumas décadas para que sua literatura fosse reconhecida no país: mais especificamente, nos anos de 1950, Francisco de Assis Barbosa, seu primeiro biógrafo, publicou suas obras completas. Como diz Lília Moritz-Schwarcz (2017, p. 502): “Francisco de Assis Barbosa esmerou-se em cuidar de toda a obra de Lima. Mais: não se limitou a devolver ao público os seus romances; também estabeleceu os diários”; embora tenha ficado muito tempo no esquecimento, atualmente vem retornando como leitura paradigmática nas escolas e como autor analisado nas ementas nas universidades. Em 2017, por exemplo, Lima Barreto foi homenageado na 15ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), ocasião em que foram debatidas questões que o autor trazia para suas produções, principalmente questões raciais.

Nessa perspectiva de representatividade social no sentido de que o indivíduo constrói a identidade e subjetividades por meio de “discursos ideológicos” manifestados na vida e no pensamento do indivíduo por meio de suas crenças e da construção de sua identidade, “surge a necessidade de problematizar a noção de realidade e de mudança de perspectiva sobre a vida” (Constantino, 2007, p. 55 apud Rocha, 2014, p. 56).

Esse trabalho pretende mostrar como Lima Barreto, ao mesmo tempo que estava familiarizado com formas clássicas, consegue trazer para sua literatura novas formas estéticas, de modo que transfigurava esteticamente essas questões sociais, como o racismo, a marginalização do preto, mazelas econômicas, preconceitos étnicos e culturais, formando assim uma obra literária que se mantém significativa e relevante ainda em nossos dias. Isto implica que, por meio da literatura, pode-se trabalhar aspectos de movimentos sociais, sem que se renuncie às próprias raízes culturais e étnicas tampouco às questões estilísticas.

Nesse sentido, Lima Barreto foi uma potente voz que criticava os maus costumes de certos segmentos brasileiros (não raro os mais privilegiados) como o nepotismo, o patrimonialismo e o bacharelismo (dentre outros); reprovava

também o que julgava o estrangeirismo da sociedade brasileira, no caso, a excessiva influência de termos, sistemas de pensamento e costumes de países estrangeiros (na época, especialmente a França). Desse modo, seu discurso ainda é premente, e embora sua literatura tenha sido considerada uma literatura marginalizada, isso não impediu que suas produções se tornassem, com o tempo, um símbolo de resistência.

2. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica é um meio de pesquisa no qual o pesquisador recorre a obras tidas por relevantes na pesquisa a ser realizada. A pesquisa bibliográfica auxilia o pesquisador a identificar se já existe alguma pesquisa científica sobre o tema da pesquisa que está sendo realizada, auxilia na escolha do método, na escolha do problema. Sendo assim, é um passo importante para a realização da pesquisa, pois não se trata de repetir um estudo já existente, mas, antes, serve como uma base que ampliará o conhecimento sobre o tema escolhido, promovendo assim uma maior clareza sobre o tema. Como afirmam Sousa, Oliveira e Alves acerca da pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p.66)

À vista disso, esta pesquisa se pauta sobretudo no método bibliográfico, tendo sido necessária para sua consecução os dados e informações necessários. Nesse sentido, a pesquisa recorreu a documentos como livros, artigos e teses para o levantamento dos dados, monografias e livros que já trataram sobre a obra de Lima Barreto, contemplando alguns teóricos como a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz com as obras: *Lima Barreto: Triste visionário* (2017) e *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930* (1993); o historiador José Murilo de Carvalho, com a obra *A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil* (2017); Nicolau Sevcenko, com a obra *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (1999), dentre outros. Sobre o objeto da pesquisa, especificamente, partindo por óbvio desse suporte teórico necessário para a pesquisa, realizaremos análises e

interpretação das produções literárias do autor, situando-as no seu contexto sócio-histórico e investigando como se dão as tensões, divergências e convergências entre a visão estética-literária de Lima Barreto e os valores socialmente aceitos de sua época.

3. VIDA DO AUTOR

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi um escritor e jornalista brasileiro, conhecido, em manuais didáticos de literatura, como um dos principais nomes do que, até há pouco e de modo controverso, denominava-se Pré-Modernismo (que, na tradição da historiografia literária brasileira, não é considerado exatamente uma escola literária, mas sim um período de transição entre a produção literária do Simbolismo no século XIX para o século XX marcado pelo advento do Modernismo). Como dito, embora receba por vezes críticas de alguns teóricos e estudiosos por não apresentar uma natureza definida e por congregar movimentos diversos, o que dificulta categorizá-lo de maneira precisa, trata-se de um período cultural que é “identificado” de modo retrospectivo, a partir das inovações e convenções da Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, coincidentemente ano de falecimento de Lima Barreto.

Ora, o autor nasceu em Laranjeiras, Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1881, mas com o agravamento de saúde de sua mãe, foram viver nos subúrbios tanto devido ao clima, que era mais propício à recuperação da genitora, quanto aos preços dos aluguéis, que eram mais modestos. Filho do tipógrafo Joaquim Henriques de Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta, filho de pais mestiços e classe média baixa, Lima Barreto sofreu muito com o preconceito a vida toda. Em dezembro de 1887, com apenas sete anos de idade, ficou órfão de mãe devido a seus conhecidos problemas de saúde.

Em 1897 por intermédio de seu padrinho Visconde de Ouro Preto, Lima Barreto ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e é precisamente nesse ambiente que Lima Barreto percebe que as injustiças e desigualdade devido a sua cor e sua condição social dificultariam sua convivência dentro da instituição, como afirma Lília Schwarcz (2017, p.117):

Lima menino rapidamente notou que a “cor social” faria muita diferença na sua história dentro da Politécnica. Verificou também, e rapidamente, que não seria nada fácil entrar e manter-se no curso que almejava, em virtude do prestígio e das demandas que cercavam a instituição.

No ano de 1902, pelo fato de seu pai João Henrique ter enlouquecido e desse modo não conseguir mais prover o sustento da casa, e de o Visconde de Ouro Preto, seu padrinho, ter partido para Portugal, Lima Barreto recebe a responsabilidade de cuidar de sua família. Em razão disso, Lima Barreto se vê na obrigação de deixar seu curso de engenharia na Escola Politécnica, pois precisava trabalhar para o sustento de sua família. Em 1904, prestou concurso e foi aprovado na função de escriturário do Ministério da Guerra, onde permaneceu até sua aposentadoria. Lima Barreto viveu apenas 41 anos e faleceu no Rio de Janeiro.

Sua boemia se tornou hábito e acabou por sofrer com o alcoolismo, sendo por isso internado diversas vezes no Hospício Nacional em 1914 e 1919, além de muitas outras dificuldades decorrentes de sua condição.

Lima Barreto tentou fazer parte da Academia Brasileira de Letras, mas foi rejeitado em virtude da “inadequação” de sua literatura ao perfil da Academia, isto é, por ser uma literatura marginalizada, por falar das massas, do subúrbio e sobre os preconceitos raciais; inconformado com a rejeição, faz críticas e ataques verbais, mas suas denúncias lhe causam barreiras ainda mais altas, pois a imprensa passa a ignorá-lo, assim impedindo a divulgação de suas produções.

Em 1905, ingressou no jornalismo e em 1907 fundou a revista “Floreal”. No ano de 1909, Lima Barreto ingressou na literatura com o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

No ano de 1915, Lima Barreto publica o livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, considerado sua obra-prima, no mesmo ano publicou *Numa e Ninfa*; em 1919, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*; em 1922, *Os Bruzundungas*, e, por fim, as publicações póstumas, lançadas em 1923, *As Bagatelas* e *Clara dos Anjos*.

4. CONTEXTO HISTÓRICO

Para analisar o preconceito racial e a representatividade social nas obras de Lima Barreto, tona-se necessário considerar o contexto histórico em que se passam as produções de Lima Barreto e assim entender o motivo pelo qual o escritor atacava o regime político da época. No caso, esses motivos estavam sempre presentes em suas produções e embasavam sua literatura, engajando-se e denunciando as mazelas sociais causadas na sociedade em que vivia. Com a rapidez das grandes transformações que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, menciona Lilia Schwarcz um comentário feito por Lima Barreto, anos após a reforma urbana (2017. p. 134):

Lima Barreto, anos depois, comentaria a velocidade das reformas que se abateram sobre o Rio de inícios do XX: “De uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida uma por mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muito de cenografia”.

Quando se deu a Proclamação da República, a cidade do Rio de Janeiro passou por grandes transformações tanto sociais quanto políticas, econômicas e culturais. A antiga capital rompia com o passado e com a imagem de monarquia, passando a representar, tanto na arquitetura quanto nas dinâmicas sociais, o novo e o moderno. No caso, a intenção seria transmitir a visão de que a República supostamente representaria a modernidade. Portanto, a cidade do Rio de Janeiro foi tomada por uma nova atmosfera, como afirma Lilia Schwarcz (2017, p.133) afirma:

No Brasil, a atmosfera no Rio de Janeiro, que ficou conhecida como Regeneração, parecia corresponder ao surto que ocorria em outras partes do mundo, além de transmitir a sensação de que o país vivia em sintonia com a civilização ocidental. Para isso, não faltaram patriotas de plantão, os quais viam apenas com bons olhos essa época que tinha muito de maquiagem superficial, que prometia um futuro estável onde só cabiam sonhos passageiros.

O Rio de Janeiro da Belle Époque evocava a visão dessa suposta “Regeneração” e modernidade que certamente trouxeram aos seus adeptos costumes e novas formas e atitudes culturais que seriam difundidas de modo em parte impositivo, em parte indireta a todos – desde a maneira de se vestir até a forma de construir-se casas e edifícios. Acerca disso, comenta Nicolau Sevcenko (1999, p.31):

O novo cenário suntuoso e grandiloquente exigia novos figurinos. Daí a campanha da imprensa, vitoriosa em pouco tempo, para a condenação do mestre-de-obras, elemento popular e responsável por praticamente toda edificação urbana até aquele momento, que foi defrontado e vencido por novos arquitetos de formação acadêmica.

A intenção era apagar tudo o que lembrava o passado, e como é de se esperar que em toda reforma haja ruína e destruição, a reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro, encabeçada pelo então prefeito da cidade Francisco Pereira Passos, não foi diferente. Começou assim a demolição das habitações da população mais pobres (os “cortiços”); a partir de então deu-se a ditadura do “bota-abaixo”, expressão que se refere ao fato de a população menos favorecida ter sido expulsa de suas moradias e dos arrasamentos dessas habitações, obrigando essa população a deslocar-se para as encostas dos morros próximos ao centro da cidade. Segundo Lilia Schwarcz (2017, p.133):

A contrapartida da reforma urbana consistiu na expulsão da população pobre que habitava os casarões da região central. Era a ditadura do “bota-abaixo”, que demolia residências e disseminava as favelas, cortiços e hotéis baratos; os “zunga”, onde famílias inteiras viviam apertadas, dormiam juntas e no chão. Isso para não falar da repressão às festas populares e procissões: saía das ruas centrais o popular entrudo e esboçava-se algo que mais parecia com um ordeiro Carnaval de Veneza.

Tratou-se de uma operação urbana que afetava principalmente as populações mais pobres que viviam na cidade do Rio de Janeiro – uma operação de reforma urbanística, mas que parecia também uma espécie de limpeza da cidade de uma forma drástica, reprimindo e proibindo à população a manifestação de suas festas e comemorações populares e religiosas com a alegação de não serem sofisticadas nem apropriadas. Como comenta Nicolau Sevcenko (1999, p.33):

[...] tratava-se da definitiva implantação do progresso e da civilização. Aparece, pois, como natural, a proibição das festas de Judas e do Bumba-meu-boi, os cerceamentos contra a festa da Glória e o combate policial a todas as formas de religiosidade popular: líderes messiânicos, curandeiros, feiticeiros etc... [...]

O carnaval que se deseja é o da versão europeia, com arlequins, pierrôs e colombinas de emoções comedidas, daí o vitupério contra os cordões, os batuques, as pastorinhas e as fantasias populares preferidas: de índio e de cobra viva.

Em suma, houve uma tentativa de embelezar a cidade do Rio, alargando mais suas ruas e tornando-as semelhantes às ruas das cidades europeias (especialmente Paris). No entanto esse embelezamento, como se

percebe, deu-se a partir de políticas de exclusão das populações mais pobres do centro do Rio de Janeiro.

Além da reforma urbana, a cidade do Rio de Janeiro teve um aumento notório na sua população por causa da abolição da escravidão e da crise do café. Destaca Nicolau Sevcenko que isso

[...] desencadeou uma enorme mobilização (85.547 pessoas) da massa humana outrora presa àquela atividade e [que] em boa parte iria afluir para a cidade do Rio, fundindo-se ali com o já volumoso contingente de escravos recém-libertados que em 1872 chega a constituir 18% (48.939 pessoas) da população total do Império (Sevcenko, 1999, p. 51).

Com a ideia do governo de operar um “branqueamento” da população, foram criadas políticas de imigrações nas quais o governo incentivava fortemente a vinda de imigrantes, principalmente os oriundos da Europa, para trabalhar como mão de obra assalariada, com proposta de trabalhos e melhores condições de vida e mesmo de enriquecimento rápido. A razão para isso é que não se desejava contratar os recém-libertos, valendo-se da desculpa descabida de que negros e mestiços não tinham a “capacidade cognitiva” para receber instrução de trabalho; com isso, multidões de imigrantes estrangeiros embevecidos por tais propostas vieram para o Rio de Janeiro, como afirma Sevcenko:

Vêm somar-se a essa multidão os sucessivos magotes de estrangeiros, que a previdência dos proprietários pressagiosos da abolição e as vicissitudes europeias arrastaram vacilantes para o porto do Rio, os quais somaram 70 298 pessoas de 1890 a 1900, 88 590 de 1900 a 1920 perfazendo em um total de 158 888 imigrantes de 1890 a 1920. (Sevcenko. 1999, p. 51)

O período republicano tinha como maior mão de obra durante a escravidão o trabalhador negro escravizado, mas após a abolição esses trabalhadores se tornam livres, mas, como vimos, para a sociedade da época, eram considerados incapazes para o trabalho. Em uma sociedade dominada por teorias racistas, o negro apenas servia para o trabalho enquanto era escravizado, mas como recém-liberto já não tinha “capacidades mentais” e por isso inaptos para um sistema mais moderno de trabalho, sendo assim substituídos por imigrantes brancos. Em outras palavras, se antes, no país, “importavam-se” negros escravizados para o trabalho escravo, no início da República essas pessoas passaram a ser tidas como um retrocesso, um “obstáculo” ao desenvolvimento do país. Essa posição de certos segmentos dominantes da

sociedade representava um pensamento pautado na discriminação e no preconceito racial, marcado, é claro, pela escravidão na história do país, mas também por ideias exteriores à época tidas por “científicas”.

De igual modo, correntes teóricas intensificavam ainda mais as teorias de que havia raças superiores (no caso, os brancos) e raças inferiores (no caso, os negros e mulatos), as principais correntes teóricas que intensificavam uma hierarquização de raças foram teorias eugênicas, o determinismo de Taine e o darwinismo social¹ – teorias estas que foram adotadas pela elite da sociedade. Não é de se surpreender, pois, que, diante disso, o preconceito racial tenha alcançado proporções muito grandes nas dinâmicas culturais e sociais.

Ora, o período da República foi palco de várias sublevações, sendo a Revolta da Vacina (em novembro de 1904, na cidade do Rio de Janeiro) uma delas. Conforme comenta Lilia (2017, p.140).

Consequência imediata e imprevista dessa sanha modernizadora e da política autoritária impostas pelo governo nos primeiros anos da República foram as revoltas que estouraram pelo país, revelando que nele existiam muitos interesses e tempos distintos. No campo, as insurreições representam um composto de regionalidade, misticismo e luta pela terra. Já nas cidades, a população reagia ao que era então chamado de “ditadura sanitária”.

Com uma República recém-formada, e com uma população na expectativa de mudanças – mudanças que, vale sempre ressaltar, não chegaram à população como um todo –, somente uma pequena parcela da população que fazia parte da elite foi favorecida como: melhores condições de moradia, saneamento básico e saúde. E enquanto isso a população mais pobre enfrentava condições precárias, o que, conseqüentemente, vai gerar revolta como uma forma de reivindicar seus direitos.

Além desse contexto social, o período republicano foi marcado por grandes epidemias que colocava em risco a saúde da população, por exemplo, epidemias de sífilis, varíola, peste bubônica e febre amarela. Essas doenças foram causadas sobretudo por causa da falta de saneamento básico e falta de planejamento urbana. À vista disso, o governo, com o médico sanitário Oswaldo Cruz, inicia uma campanha de vacinação obrigatória em massa para combater a varíola. Como comenta Lilia (2017, p.140)

¹ Serão realizadas as definições das respectivas teorias no próximo capítulo.

Mente sã em corpo são, eis um dos lemas que explicita a política de Oswaldo Cruz, muito bem aplicada naquele momento de combate à febre amarela e outras doenças tropicais. Outro lado, porém, levou ao recrudescimento de uma espécie de “ditadura médica”, mais motivada por uma “urgência nacional” do que pelo desejo de incutir uma “educação sanitária”. O resultado foi, muitas vezes, o descompasso entre as práticas científicas e a compreensão da população.

A bem da verdade, a vacinação obrigatória em massa foi uma medida necessária, se levarmos em consideração a saúde da população; porém para a população mais pobre que não sabia como essa vacina funcionava (já que não foram instruídos nem houve uma conscientização para que se entendesse como atuava no organismo, e a maioria da população era analfabeta), a vacina acabou sendo interpretada pela população como uma medida abusiva e impositiva. A chegada dos médicos com os soldados invadindo as habitações das pessoas e obrigando essas pessoas a tomarem a vacina, violando a privacidade, os direitos e, em alguns casos, a dignidade das pessoas, gerou a indignação e a revolta da população. Como comenta Nicolau Sevcenko (1999, p.66):

Quando o Regulamento da Vacina Obrigatória passou a ser discutido e divulgado, a simples menção da invasão e derrubada dos prédios anti-higiênicos e a manipulação dos corpos por médicos e enfermeiros acompanhados de soldados foram o golpe de misericórdia: “a irritação alastrava com a violência da epidemia”. A cidade foi literalmente tomada pelos amotinados [...]

As pessoas foram para as ruas manifestarem-se, protestando contra o autoritarismo do governo em impor à população a obrigatoriedade da vacina. A manifestação teve a duração de três dias e durante esse tempo houve atos de vandalismo e destruição, além de confronto violento contra a polícia. O próprio Lima Barreto comenta sobre a dimensão do caos ocasionado por essa revolta e como foi a resposta da polícia em relação aos revoltosos:

Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhanamente, arrebatava-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à ilha das Cobras, onde eram surradas desapiadadamente. Eis o que foi o terror do Alves; o do Floriano foi vermelho; o do Prudente, branco, e o do Alves, incolor, ou antes, de tronco e bacalhau (Lima Barreto *apud* Gruner, 2006).

Assim sendo, a Primeira República foi marcada pela busca (por parte da elite e governantes) de valores estrangeiros (principalmente modelos europeus e, em menor medida, estadunidenses) e alheios à realidade nacional, e pelo descaso com a população mais pobre e desfavorecida, que se constituía em

grande parte de vítimas de uma sociedade repleta de ideologias baseadas na discriminação.

5. TEORIAS RACIAIS E SUA INFLUÊNCIA NO SÉCULO XIX BRASILEIRO

A literatura sempre exerceu uma função social na comunidade, seja representando, pelo seu testemunho estético transfigurado, as práticas socioeconômicas, ideológicas, políticas e históricas, seja evocando, de forma sumária, símbolos, valores e ideais que, para o bem ou para o mal, direcionavam a sociedade ou delineavam determinada época.

Nesse sentido, ora afirmando, ora negando, a literatura, em geral, apresentou-se como instância crítica desses valores, muitas vezes “reproduzindo” (ficcionalmente) ou denunciando as várias formas de desumanização. Ainda que de modo indireto e refratária à sistematização, a literatura também serve de espaço para denúncias às mazelas de uma realidade social; ademais, a produção literária, pela sua própria estrutura experiencial e criativa, está estritamente ligada às vivências do autor e à compreensão do real que ele deseja transmitir, por um filtro estético, mimético e simbólico, ao seu público. Conforme Antônio Candido comenta em *O direito à literatura* (1988, p.178)

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta moções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

E é nessa perspectiva que a literatura assume um papel essencial ao abordar e tematizar os problemas sociais presentes na sociedade. A partir daí, cada autor busca elaborar seu estilo literário com base em suas experiências, discursos, mundividência e ideologias (o que não significa que seja por isso um discurso “ideológico”). E foi a partir desse processo de delimitação de objetivos e princípios literários que se deu a produção literária de Lima Barreto – um estilo mais simples e direto, que trabalha temas sociais como a pobreza, questões

raciais e sociais. À vista disso, pode-se dizer que o público de Lima Barreto eram pessoas de classes sociais menos favorecidas (ou pelo menos cientes e preocupadas com as realidades dessas classes), pois também eram vítimas de um sistema opressor. Por óbvio, porém, o público de Lima Barreto não era o de destituídos nem de analfabetos (já que próprias condições materiais desses segmentos impediriam o acesso às obras).

Na concepção de Lima Barreto, a literatura possui um poder e a missão de alertar e denunciar as situações de descasos a que as camadas populares eram submetidas naquele meio social. Para o autor, a literatura era muito mais do que apenas a confecção verbal do belo; antes, ia além da estética, isto é, era uma “atividade espiritual”. No tocante a isso, comenta Lilia (2017, p. 428-429):

Literatura, para Lima, não significava apenas escrever bem e tratar de coisas belas. Ele a definia como uma “atividade espiritual”, um trabalho que precisava se conectar com seu tempo, com sua região e com sua origem e condição. Raça era tratada não como uma condenação determinista, e sim como um modo de associar cor, classe e origem. Era também uma maneira de fazer literatura autobiográfica e militante porque jamais desvincilhada da experiência social. Em seu dia a dia, essa linguagem complexa das cores produzia uma imensa diferença. Por isso mesmo, por vezes sua literatura denunciava o preconceito, por vezes o experimentava, e aí sobrava todo tipo de ambivalência na narrativa.

Assim, Lima Barreto prontamente tomou para si essa “missão” e tentou, da forma que pôde, combater os pensamentos e ideias depreciativas que eram operantes no período da Primeira República e que tinham muita força no seu meio social, como destaca Lilia no trecho a seguir:

Essa noção é fundamental para compreender o tipo de literatura que ele fazia e que, sobretudo, julgava ser a única passível de relevância neste nosso país ainda atado a laços coloniais. Essa era a “missão” que impunha a sua obra, quase uma fotografia três por quatro de seu autor. E foi com alma que Lima deitou essas linhas: “Nós nos precisamos ligar; precisamos nos compreender uns aos outros; precisamos dizer as qualidades que cada um de nós tem, para bem suportarmos o fardo da vida e dos nossos destinos. Em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nos nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, interesse como de todos nós.”

Evidencia-se que a discriminação racial é um ato desumano que está impregnado tanto no contexto histórico quanto no contexto social – uma triste realidade que se mantém na sociedade brasileira contemporânea. Embora tenham ocorrido significativos avanços, infelizmente ainda continua sob diversas formas, por vezes camufladas e por vezes de maneiras bem explícitas.

No Brasil, a partir do ano de 1870 começou-se a manifestar pensamentos de cunho racial, tendo como base as teorias raciais como o darwinismo social, Positivismo e a eugenia. Foram introduzindo-se no país e ao longo do tempo receberam interpretações diversas, acarretando assim leituras e percepções distorcidas.

Pode-se perceber que as leituras distorcidas dessas teorias – como a teoria da evolução proposta por Charles Darwin, uma teoria sobre a evolução biológica e sobre a origem da diversificação da vida que, na época, foi muitas vezes aplicada distorcida e diretamente à estrutura da sociedade e civilização humanas – acarretaram em justificativas para a prática do racismo e da discriminação, justificando uma suposta hierarquia social em que um grupo social é superior a outro. Como aborda Lilia (1993, p.76-78)

[...] Denominada “darwinismo social” ou “teorias das raças”, essa nova perspectiva via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que “não se transmitiriam caracteres adquiridos” nem mesmo por meio de um processo de evolução social. [...] As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de “tipos puros” – e portanto não sujeitos a processos de miscigenação – e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social

Em vista disso, dá-se margem ao surgimento de teorias eugênicas. Especificamente, a eugenia surge como uma forma mais radicalizada que o darwinismo social. O termo foi criado em 1883 por Francis Galton; a palavra, formada de elementos morfológicos gregos, se refere aos “bem-nascidos”. Assim, representou no século XIX uma nova ciência que pudesse estudar as variadas raças, aplicando o pressuposto da teoria da seleção humana do darwinismo social. A eugenia se transformou posteriormente em políticas de controle de reprodução humana, como afirma Lilia (1993, p. 79):

Transformada em um movimento científico e social vigoroso a partir dos anos 1880, a eugenia cumpria metas diversas. Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de “nascimentos desejáveis e controlados”; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e – talvez o mais importante – desencorajou certas uniões consideradas nocivas à sociedade.

Ainda seguindo com teorias que tiveram distorções em suas interpretações há também o positivismo de Comte, como uma corrente filosófica que defendia que o conhecimento deveria se basear *unicamente* em fatos científicos em vez do conhecimento do senso comum, propondo a aplicação de métodos científicos para analisar a sociedade e buscando compreender *experimentalmente* o

comportamento humano. A participação dos positivistas foi de grande relevância no cenário republicano, já que envolveram em intensas batalhas simbólicas e, segundo José Murilo de Carvalho (2017, p.127),

constituíram, sem dúvida, o grupo mais ativo, mais beligerante, no que diz respeito à tentativa de tornar a República um regime não só aceito como também amado pela população. Suas armas foram a palavra escrita e os símbolos cívicos.

O positivismo teve grande relevância na sociedade. Seus princípios, no caso, aplicavam-se principalmente à ordem social. Porém, como dito, ao longo do tempo houve distorções das interpretações dos princípios do positivismo e passou-se a aplicá-los para também dar respaldo às teorias raciais. Dessa maneira, as distorções dessas ideias foram utilizadas como instrumentos de apoio à discriminação e ao preconceito racial, sustentando a suposta hierarquia racial.

E essas teorias foram bem aceitas e postas em prática, como afirma Nicolau Sevcenko (1999, p.174-175):

[...] tais teorias de superioridade e inferioridade racial encontrariam pronta aceitação na sociedade local, de poucos recursos, onde a consciência pelas oportunidades era tão dramática que qualquer forma de eliminação ou desmoralização de concorrentes era bem-vinda. Além do mais havia a herança da escravidão recente para ser contraposta a qualquer dúvida escrupulosa. Tais teorias, sobressarem falsas, acabavam contudo dando substância e pretensa validade para atitudes segregacionistas que de outra forma se acanhariam diante de mero bom senso. O efeito de sua difusão numa sociedade pluriétnica como a brasileira eram facilmente previsíveis.

Vê-se, pois, que se tratava de uma sociedade marcada por pensamentos racistas, que queria a todo custo dar fim à miscigenação racial. A título de ilustração, vale lembrar que no I Congresso Internacional das Raças, João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, convidado a participar, apresentou a tese “*Sur les métis au Brésil*”, isto é, “sobre os mestiços do Brasil”; a expectativa era de que, com as políticas de branqueamento, a mestiçagem no Brasil tivesse fim dentro de um século. Assim como Lacerda, os viajantes que vinham ao país possuíam essa visão de que a mestiçagem era algo que transmitia a imagem de um país atrasado. Lília, em seu livro *O espetáculo das Raças*, traz um comentário de Arthur Gobineau, conde francês, durante sua estadia como embaixador francês no Brasil: “trata-se de uma população mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia”. Arthur Gobineau, como se sabe, era um grande apoiador das teorias das raças,

cujas ideias posteriormente inspirariam em parte os nazistas, já que, para ele, os arianos seriam superiores a qualquer outra raça.

Inspirada por essas ideias, não surpreende que a sociedade republicana concebesse a pessoa negra como membro de uma “raça” inferior. À vista disso, essa rígida hierarquia social representava-lhes um grande obstáculo para a ascensão. Porém, na tentativa de camuflar a discriminação racial, o governo cria uma falsa ideia de ascensão social – além do branqueamento racial, haveria também a apresentação de títulos e formações acadêmicas (o chamado “bacharelismo”), pois eram quesitos de grande relevância na sociedade. No tocante às condições para o indivíduo ter relevância na sociedade, comenta Nicolau Sevcenko (1999, p.180)

É por demais evidente que se todas as considerações recaíssem sobre as aparências e convenções exteriores, o fenótipo seria um elemento de alta relevância para distinguir os homens e definir o seu papel no interior da sociedade. E de fato, a pigmentação e o tipo físico eram dados primordiais e decisivos, se não fossem compensados por títulos, papéis, objetos e quaisquer outros símbolos.

Vale ressaltar, que esses pensamentos preconceituosos eram dissolvidos sutilmente nas instituições, mas bem visíveis no tratamento hostil que as pessoas negras e mestiças recebiam da sociedade durante o período republicano e pelas suas dificuldades de ascensão na sociedade.

No conto “O pecado”, de Lima Barreto, publicado postumamente na *Revista Souza*, ano VII, número 92, no ano de 1924, enfoca com clareza a condição social do negro no pós-escravatura, em um período no qual a população negra viva da pior maneira possível, condenados à danação social. Certamente o escritor já conhecia a famosa afirmação de André João Antonil², registrada no início do século XVII. Lima Barreto faz uma sátira às teorias eugenistas que dominavam o período. Isto é, por meio do humor e ironia, o escritor transfere essas teorias para uma dimensão quase metafísica, pois, no conto, o negro estaria condenado até após sua morte. No caso, narra-se a história de uma alma que sobe ao céu e é considerada “justa”, pois possui todas as características e valores considerados pela sociedade como os de uma pessoa de boa índole; no entanto, sua entrada ao céu foi barrada por apenas um “pecado”: tratava-se da

² “O Brasil é o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e das mulatas.”

alma de um negro. Lima Barreto ironicamente transforma assim uma questão tida como biológica (o conceito antigo de “raça”) em uma realidade espiritual.

O conto se passa em um cenário celestial onde São Pedro é encarregado de selecionar a lista das almas que vão ao céu ou não, e como de costume São Pedro faz a leituras da lista do dia e se depara com as seguintes informações: “P.L.C., filho de..., neto de..., bisneto de... – Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo”. E se admira, pois uma alma com tamanhas qualidades deveria “assentar-se à direita do eterno e lá ficar” e decide perguntar ao seráfico burocrata por que aquela alma não ia direto ficar ao lado do “eterno”. O burocrata logo revê o registro para verificar se não havia cometido algum erro e, encontrando a linha adequada, leu em alta voz:

– P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... – Carregador. 48 anos. Casado. Honesto. Caridoso. Leal. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo.

Depois com o dedo pela pauta horizontal e nas “Observações”, deparou qualquer coisa que o fez dizer de súbito:

– Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório (Lima Barreto, 2010, p.742)

Mesmo diante do bom caráter e dos elevados valores que possuía, tão logo se constatou tratar-se da alma de um negro, enviaram-na ao purgatório, pois este domínio, segundo o catolicismo, é o local de purificação das almas. Dessa maneira o escritor faz um jogo de ideias com referência às teorias eugênicas como o branqueamento (a noção falsa de “purificação” ou “purgação” das raças). Em suma, o escritor utiliza símbolos e elementos da teologia católica para denunciar e criticar as ideologias e teorias raciais de sua época.

Considerando as observações já mencionadas ao decorrer do trabalho, procederemos, a partir das análises dos romances *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* e *Clara dos Anjos*, uma constatação acerca da dimensão conturbada em que era a vida dos negos e mestiços durante esse período.

6. MARCAS DA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL E RACIAL EM ALGUMAS OBRAS DE LIMA BARRETO

Lima Barreto foi um dos primeiros autores da literatura brasileira a valer-se de personagens negros e de classes sociais menos favorecidas, consideradas pela sociedade e pela ideologia dominante do período republicano como classes inferiores. E o autor o faz por meio de descrições humanizadoras e de suas narrações que minuciosamente mostram os fatos e sentimentos que sobrevêm aos seus personagens.

A obra *Recordações do escrivo Isaías Caminha* narra a história de um jovem negro do interior que saiu para a cidade grande em busca do sonho de ser “doutor”, pois, afinal, só se tinha prestígio na sociedade aquele que portasse algum título acadêmico. A trajetória de Isaías é narrada em primeira pessoa; como narrador personagem ele relata os pensamentos mais íntimos, permitindo ao leitor compreender o complexo racial, os sonhos de ascensão do jovem que foram frustrados, as humilhações sofridas, suas mágoas, assim como seus anseios medos e cismas e um meio social em que o preconceito racial e social eram dominantes.

A escolha do personagem que protagoniza o romance mostra a fundo o íntimo de um indivíduo vítima da discriminação racial. Partindo dessa perspectiva, pode-se considerar o personagem um alterego de Lima Barreto, pois assim como seu personagem, Lima Barreto também era “de fora da capital, pobre, de cor azeitonada, esforçado, tenta a sorte como jornalista, acaba escrivo da coletoria” (Lilia, 2017, p.215), podendo ser considerado em parte uma obra autobiográfica, visto que é marcada por uma espécie de desabafo nas falas do personagem Isaías Caminha.

O enredo é estruturado em analepse, isto é, o narrador inicia o romance fazendo uma retrospectiva das experiências e eventos pelos quais passou em sua vida, possibilitando assim ao leitor fazer parte de sua trajetória de vida da infância até o momento em que o personagem mergulhava em suas memórias.

Ao narrar em forma de analepse, o narrador proporciona ao leitor uma percepção mais ampla sobre como as influências sociais modificam a individualidade do personagem. O autor trabalha questões como a discriminação

racial e social, e a luta por aceitação em uma sociedade dominada pelo preconceito.

Resumidamente, Isaías Caminha, depois de ter passado pela ilusão de uma falsa ascensão social em uma sociedade marcada pela discriminação racial e social, e de ter conhecido o universo do jornalismo, percebe o grau de inferioridade a qual os negros e mulatos eram submetidos. À vista disso, toma a iniciativa de escrever suas memórias nas quais conta sua trajetória de desilusão.

Isaías Caminha é filho de um homem branco e uma mulher negra; começa suas recordações pela sua infância, mostrando as diferenças sociais e culturais existentes em seu meio familiar, principalmente entre sua mãe e seu pai. Ora, são justamente essas diferenças que lhe trazem o desejo de ir em busca de conhecimento, conforme nos diz:

A tristeza, a compreensão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de modo curioso: deram-me anseios de inteligência. Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações (Lima Barreto, 1998, p. 21).

Isaías tem em seu pai uma figura de homem inteligente, e traça entre seu pai e sua mãe um quesito que os diferenciava, a saber, o letramento de seu pai. O protagonista tinha a certeza de que apenas o conhecimento era capaz de obter a felicidade, o respeito e poder, pois o pai branco trazia consigo essa possibilidade:

O espetáculo do saber de meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquela sua faculdade de explicar tudo, aquele desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler línguas diversas e compreendê-las, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundância e riqueza, mas também um título para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente (Lima Barreto, 1998, p.21).

Se para o pai ele tinha esse olhar de admiração, para sua mãe só restava o olhar de pena e vergonha pela falta de instrução necessária para que lhe pudesse ter “aquela faculdade de explicar tudo” como seu pai; e o narrador pensava: “Se minha mãe me parecia triste e humilde – pensava eu naquele tempo – era porque não sabia, como pai, dizer os nomes das estrelas do céu e explicar a natureza da chuva...” (Lima Barreto, 1998, p.21). Para Isaías, então um jovem sem conhecimento de mundo e protegido das contrariedades da vida, o único motivo para sua mãe parecer-lhe triste era porque não tinha “faculdade de explicar tudo”.

Traçando uma analogia, os pais de Isaías representam pontos importantes: a mãe de Isaías representa a identidade negra, enquanto o pai representa, embora em grau menor, a sociedade elitista. Além da notória diferença cultural entre eles, evidencia-se também a desigualdade de gênero. No íntimo de Isaías, já está cravada a ideologia de uma raça superior, pois o letramento de Isaías vem da educação baseada na cultura de seu pai branco – o que reforça a suposta superioridade de um sistema educacional baseado em teorias raciais.

Antes de ir ao Rio de Janeiro, Isaías nunca havia se percebido como uma pessoa negra na sociedade, pois durante sua infância e sua adolescência tivera uma boa educação. Assim, o personagem vivia sem privações e, não afetado por oposições, não dedicava suas reflexões à sua origem racial. Isaías nutria em si o desejo de ir mais longe, de evoluir. Daí sua ideia de deslocar-se para o Rio de Janeiro, onde sonhava com glórias futuras.

Acentuaram-se-me tendências; pus-me a colimar glórias extraordinárias, sem lhes avaliar ao certo a significação e a utilidade. Houve na minha alma um tumultuar de desejo, de aspirações indefinidas. Para mim era como se o mundo me estivesse esperando para continuar a evoluir...
Ouvia uma tentadora sibila falar-me, a toda hora e a todo o instante, na minha glória futura. Agia desordenadamente e sentia a incoerência dos meus atos, mas esperava que o preenchimento final do meu destino me explicasse cabalmente [...] (Lima Barreto, 1998, p. 21).

Isaías acreditava que seu talento para os estudos lhe seria propício para se tornar um doutor e receber respeito e reconhecimento, rompendo o estereótipo de que um negro ou mulato não poderiam ascender socialmente. O sonho de ascender socialmente na sociedade e de ser bem-sucedido evidencia, porém, certo individualismo em Isaías, pois tinha vergonha de seu nascimento e almejava o título de doutor para compensar seu nascimento humilde e num meio “racializado”. No seu íntimo pensava:

Ah! Seria doutor! Rasgaria o pecado do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...
Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos...Era um *pallium* [...] (Lima Barreto, 1998, p. 26).

Isaías, tocado pela influência de seu pai e sua mãe, mostra sua vontade de seguir seu sonho, anseia grandes conquistas para si por causa de sua viagem para o Rio de Janeiro. Em “Todas as manhãs, ao acordar-me, ainda com o espírito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom agouro, a sibila me dizia ao

ouvido: Vai, Isaías! Vai!... Isto aqui não te basta... Vai para o Rio!” (Lima Barreto, 1998, p. 22).

Mas ao mesmo tempo em que sonhava com suas glórias lhe vinham os questionamentos sobre seu destino em uma cidade como o Rio de Janeiro, sem conhecer ninguém que lhe ajudasse sem contatos ou relação alguma.

Que faria lá, só, a contar com as minhas próprias forças? Nada... Havia de ser como uma palha no rodadoiro da vida – levado daqui, tocado ali, afinal engolido no sorvedouro... ladrão... bêbado... tísico e quem sabe mais? Hesitava. De manhã, a minha resolução era quase inabalável, mas, já à tarde, eu me acobardava diante dos perigos que anteava. (Lima Barreto, 1998, p. 22).

Os questionamentos que atormentavam Isaías refletiam, em certa medida, a realidade de inúmeras pessoas negras que, após a abolição da escravidão, foram jogadas à própria sorte e se tornaram vítimas marginalizadas de uma sociedade dominada pela discriminação racial. Isaías se apavora com a possibilidade de um possível fracasso em sua viagem, receando acabar como ladrão, bêbado ou tísico. É digno de nota que, no século XIX, uma das doenças que mais assolava o país (e outras partes do mundo), principalmente nas grandes cidades brasileiras, era a tísica (tuberculose), uma doença pulmonar que se espalhava bem rápido devido à grande densidade populacional, às más condições de higiene e à falta de saneamento básico.

Mas mesmo com medo do fracasso, Isaías está convicto de sua viagem e toma a decisão de ir para o Rio de Janeiro, e logo informa sua mãe de sua decisão:

No domingo, de manhã, disse de um só jato a minha mãe: – Amanhã, mamãe, vou para o Rio.
Minha mãe nada respondeu, limitou-se enigmaticamente, sem aprovação ou reprovação (Lima Barreto, 1998, p. 23).

A mãe de Isaías não lhe respondeu talvez pelo motivo de que, mesmo sem letramento, conhecia perfeitamente a condição social de seu filho e os preconceitos que o jovem enfrentaria durante sua caminhada em busca da ascensão social; portanto, para não reprimir o sonho do filho, calou-se.

Ora, Isaías tivera, na medida do possível, uma educação privilegiada – havia sido bem-preparado para os estudos, porém nunca para os desafios que a discriminação racial lhe importaria fora do meio social imediato do qual fazia parte. E o seu primeiro impacto foi quando recebera um tratamento de forma muito grosseira de um caixeiro da estação.

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh! Fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!” Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu minha indignação. Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos (Lima Barreto, 1998, p. 29).

Isaías fica atordoado com tamanha grosseria e se perguntava qual seria o motivo de tamanho tratamento que recebera; sem ainda entender, olha sua roupa, sua própria figura e comenta: “se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e tez de cor pronunciadamente azeitonada” (Lima Barreto, 1998, p. 29). Isaías não compreende que naquele momento estava sofrendo discriminação racial. Ainda que não tenha entendido o motivo da distinção do tratamento entre ele e outro rapaz, no seu íntimo sabia que havia sido por causa de sua cor, já que a primeira característica que informa acerca do outro rapaz é que se tratava de um sujeito “alourado” (isto é, certamente um rapaz branco), para logo em seguida proceder a uma análise de seus próprios traços.

A visão idealizada que Isaías tinha do Rio de Janeiro e a esperança de que obteria o tão desejado título de doutor vão aos poucos se desfazendo à medida que Isaías percebe a dimensão da discriminação racial e social. Quando, em outro momento, é acusado injustamente por um roubo no hotel onde estava hospedado, e sendo intimado a prestar depoimento na delegacia, Isaías sente-se oprimido naquele ambiente Isaías e quando lhe dirigem a expressão “mulatinho”, todo seu ser é nitidamente abalado, já que, tendo sido sempre tratado com respeito e com dignidade, nunca havia passado por tal situação. No entanto, aquele termo, vindo de uma autoridade policial (o que mostra indiretamente como as instituições estavam permeadas de certos preconceitos e estereótipos então “teorizados” pelos sistemas científicos), lhe deixou de fato transtornado. O delegado dirigindo-se ao inspetor faz o seguinte comentário:

- Raposo, vou sair: há alguma coisa?
- Nada, Capitão Viveiros.
- E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal “mulatinho”? (Lima Barreto, 1998, p. 59).

Se, num primeiro momento, na cena da estação, Isaías não havia percebido o motivo de tal tratamento, nessa segunda vez, na delegacia, finalmente percebeu as causas – percepção que lhe levaram a uma íntima confissão de sua humilhação:

Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. (Lima Barreto, 1998, p. 59).

Passado esse acontecimento, Isaías precisava de um emprego para poder sustentar-se no Rio de Janeiro, pois sua situação financeira não estava bem. E em certo momento, enquanto lia o jornal viu um anúncio em que se oferecia trabalho. Em sua típica ingenuidade, Isaías antecipadamente planeja o que iria fazer com o salário e o tempo que iria passar trabalhando, porém outra vez sente o peso do preconceito racial e mais uma decepção ao perceber que sua cor de pele era o obstáculo principal para sua contratação:

— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...
 — Foi; é o senhor?, respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
 — Sou, pois não.
 O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:
 — Não me serve.
 — Por quê? atrevi-me eu.
 — Porque não me serve (Lima Barreto, 1998, p. 69-70).

O proprietário, ainda que precisasse de um funcionário, observa Isaías, mas o rejeita em razão de sua cor. Então as diversas tentativas malsucedidas de Isaías lhe trouxeram o sentimento de impotência ao perceber que, por maiores que fossem seus esforços, de nada adiantariam. Dessa forma, veio-lhe o desânimo e começa a mostrar-se mais sensível ao preconceito racial, ao mesmo tempo que entende sua condição racial e social:

Havia dias que notava com surpresa a indiferença que tinha então pelos meus destinos. Aquele meu fervor primeiro tinha sido substituído por uma apatia superior a mim. Tudo me parecia acima de minhas forças, tudo me parecia impossível; e que não era eu propriamente que não podia fazer isso ou aquilo, mas eram todos os outros que não queriam, contra a

vontade dos quais a minha era insuficiente e débil. A minha individualidade não reagia; portava-se em presença do querer dos outros como um corpo neutro; adormecera, encolhera-se timidamente acobardada (Lima Barreto, 1998, p.73).

Até mesmo a obtenção de seu tão idealizado emprego não dependeu de seus esforços, mas da boa vontade de Gregoróvitch, que se compadeceu de Isaías e arranhou-lhe uma vaga de contínuo no jornal *O Globo*. Portanto, após inúmeras tentativas sem sucesso e já sem forças para perseguir seus sonhos, o protagonista vai se esquecendo do passado de turbulências e, com o tempo, conforma-se com sua situação e com sua posição:

Aos poucos, esqueci-me dos dias de fome passados a deambular pelas ruas da cidade. Tinha já um quarto, cama e um lavatório de ferro, pensão de almoço e jantar; e, ainda, do ordenado, me sobravam sempre alguns mil-réis para comprar, de quando em quando, umas botinas de abotoar ou um chapéu da palha mais catita. Gregoróvitch dera-me um terno de roupa e por todo o tempo em que fui contínuo, conheci vários alfaiates caros por intermédio do corpo dos outros (Lima Barreto, 1998, p. 98).

Isaías percebe os obstáculos enfrentados por pessoas negras na sociedade e se depara com eles durante sua vivência no Rio da Belle Époque, momento de consolidação do conceito formado de que as pessoas negras sempre estariam sujeitas à miséria e à criminalidade, assim como “deterministicamente”:

Percebi que o espantava muito o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que me educara. Isso, para ele, era extraordinário. O que me parecia extraordinário nas minhas aventuras, ele achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com o garfo, isso era excepcional. Só atinei com esse seu íntimo pensamento mais tarde. Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, planistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos políticos; as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas (Lima Barreto, 1998, p. 157-158).

Passado por tantas situações frustradas e humilhantes, tentativas malsucedidas de ascender socialmente, Isaías se resigna com seu emprego e sua situação atual, mas se questiona ao lembrar de sua infância e seu sonho de tornar-se doutor, que foi totalmente destruído, visto que não conseguiu nem

mesmo dar prosseguimentos aos estudos. Com essa constatação, questionava-se:

Que tinha eu feito? Que emprego dera à minha inteligência e à minha atividade? [...] Lembrava-me da vida de minha mãe, da sua miséria, da sua pobreza, naquela casa tosca; e parecia-me também condenado a acabar assim e todos nós condenados a nunca a ultrapassar (Lima Barreto, 1998, p.166).

Isaías pergunta-se de que lhe servia sua inteligência em meio àquele ambiente hostil; a imagem de sua mãe vinha-lhe à memória e lhe angustiava perceber o tamanho das barreiras sociais, do preconceito racial aos quais estavam condenados. Talvez tenha compreendido, por fim, o motivo do receio da mãe quando decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro.

Seguindo no mesmo caminho da narrativa da trajetória de Isaías Caminha que teve seus sonhos massacrados pela sociedade republicana, a obra *Clara dos Anjos* trabalha também o tema da discriminação racial, já que a personagem é uma jovem negra seduzida e enganada por um homem branco, como que evidenciando a condição racial e o destino que aguarda aqueles que tentavam ultrapassar as barreiras impostas pela sociedade republicana.

No romance, *Clara dos Anjos* é uma moça nos seus 17 anos, filha de um funcionário público, o carteiro Joaquim dos Anjos e Dona Egrácia. Clara provinha de uma família bem estruturada, filha única, cujos pais tinham a própria casa. Cuidada com muito esmero, Clara não saía jamais sozinha de casa e, como Isaías, sempre havia sido muito bem protegida e cuidada pela família, de modo que tornou-se alheia a toda discriminação e preconceito presentes na sociedade. Como comenta Silva e outros (2022, p.162) no artigo *Clara dos Anjos: a continuidade do racismo no Brasil pós-abolição*

Ela, uma moça mulata cheia de sonhos, e ele, um rapaz branco muito ambicioso, vivem nesse ambiente histórico hostil impregnado do ideário das diferenças de raça e classe, reproduzido em todas as dimensões da sociedade brasileira, inclusive no subúrbio, espaço visto como homogêneo, mas que reproduz, de maneira tão cruel quanto nos espaços mais elitizados, as discriminações raciais, como faz ver o autor: apesar de ambos terem muitos fatores sociais que os aproximavam – eram pobres, ela um pouco mais que ele, moradores da periferia do Rio de Janeiro, igualmente abandonados pelo poder público –. Ainda assim não há nenhum tipo de solidariedade ou consideração que os aproximem de verdade: Cassi reproduz cruelmente das relações discriminatórias das classes mais altas.

Clara, assim como a maioria das moças de sua idade na época, tinha em si o desejo de um casamento tradicional. Sempre muito protegida pela mãe, que “queria a filha sempre junta a si”, Clara não consegue perceber a malícia de seu algoz. Sua desventura se inicia quando um dos companheiros de Joaquim tem a ideia de trazer para sua casa o Cassi Jones.

[...] É verdade, Joaquim: uma coisa.

O carteiro descansou a xícara e perguntou:

– O que é?

– Queria pedir a você autorização para cá trazer, no dia dos anos, aqui da menina, um mestre do violão e da modinha.

Clara não se conteve e perguntou apressada:

– Quem é?

Lafões respondeu:

– É o Cassi. A menina... (Lima Barreto, 1997, p. 32).

A conversa em questão era sobre a grande festa de aniversário de Clara, e o amigo de Joaquim, que também era amigo de Cassi, pede a permissão para levar o “mestre do violão e da modinha”, o que aguçou a curiosidade de Clara que era apaixonada por “modinhas”. Após isso, a moça ficava imaginando quem seria Cassi Jones.

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manuel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde ele o fora buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês. O certo, porém, não era isso. A mãe, nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lord Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina [...] Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado “modinhoso”, além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuose do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. (Lima Barreto, 1997, p. 32-33)

No enredo, Cassi Jones aparece como um mau caráter que vivia a desonrar moças, o qual, sempre que o levavam à polícia, acabava virando a situação a seu favor, culpando as vítimas e livrando-se enfim das acusações, tendo em vista que, suas vítimas eram sempre mulheres de origens humildes e por isso não seguiam em frente com as acusações.

Embora seu pai fosse um homem sério e não aceitasse o comportamento deplorável do filho, sua mãe, por outro lado, sempre livrava o filho, encobertando seus erros e de certa forma incentivando-o a continuar com seus atos detestáveis:

Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. Não escolhia. A questão é que não houvesse ninguém, na parentela delas, capaz de vencer a influência do pai, mediante solicitações maternas.

A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta (Lima Barreto, 1997, p. 34).

O trecho traz à tona questões de identidade, pois a família de Clara é negra e mora no subúrbio, enquanto a família de Cassi é branca e possui uma condição social um pouco melhor, embora ambos vivessem nos subúrbios, o que evidencia de certa forma uma hierarquização dentro dos próprios subúrbios.

O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe. Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados e rija musculatura; a mãe, não sendo muito baixa, escapava à média da altura de nossas mulheres em geral. Tinha ela uma fisionomia medida, de traços breves, mas regular; o que não acontecia com o marido, que era possuidor de um grosso nariz, quase chato, e malares salientes. A filha, a Clara, havia ficado em tudo entre os dois; média deles, dos seus pais, era bem exatamente a filha de ambos. (Lima Barreto, 1997, p. 57)

O escritor descreve com riqueza de detalhes as características físicas para uma representação mais complexa dos personagens; Clara, sendo filha única do casal, possui características de ambos, recebe, como já dito, uma superproteção dos pais. Clara apreciava, como o pai, modas de violão e ansiava para que seu pai consentisse a ida de Cassi a sua festa. O pai de Clara, também curioso para ver as habilidades de Cassi no violão, o consentiu. Chegado o dia da festa Cassi é assim apresentado:

Entrou. Houve um estremecimento que percorreu os convivas, como um choque elétrico. Todas as moças, das mais diferentes cores, que, ali, a pobreza e a humildade de condição esbatiam e harmonizavam, logo o admiraram na sua insignificância geral, tão poderosa é a fascinação da perversidade nas cabeças femininas.

Apresentado, por Lafões, aos donos da casa, e à filha, ninguém lhe notou o olhar guloso de grosseiro sibarita sexual que deitou para os seios empinados de Clara. (Lima Barreto, 1997, p. 62).

Cassi chega à festa e logo percebe que Clara será uma “presa” fácil, pois se encaixa no seu padrão moça que estava habituado a enganar. A protagonista, por sua vez, não tinha conhecimento sobre as dinâmicas reais dos

relacionamentos afetivos e só conhecia o amor cantado nas modinhas que escutava e lhe deixavam extasiada, fica logo embevecida por Cassi:

Clara, que sempre a modinha a transfigurava, levando-a a regiões de perpétua felicidade, de amor, de satisfação, de alegria, a ponto de quase ela suspender, quando as ouvia, a vida de relação, ficar num êxtase místico, absorvida totalmente nas palavras sonoras da trova, impressionou-se profundamente com aquele jogo de olhar, com que Cassi comentava os versos da modinha. Ele sofria, por força, senão não punha tanta expressão de mágoa, quando cantava - pensava ela. (Lima Barreto, 1997, p. 65)

A partir de então Cassi procura de toda forma uma maneira de se aproximar de Clara e logo encontra um jeito de enviar-lhe cartas, aproveitando-se do intermédio de um amigo dentista, que em determinado momento passa a tratar dos dentes da personagem. Explorando essa abertura, Cassi começa as investidas para aproximar-se da moça, sem que os pais de Clara desconfiem.

Foi assim que Meneses entrou a tratar dos dentes de Clara, fato de que tão oportunamente Cassi tivera notícias pelo doutor Praxedes, no Méier.[...] Sabendo que Meneses estava todos os dias com Clara, Cassi, que havia resolvido pôr cerco à rapariga, tratou de aproveitar o estado de miséria, de abatimento moral em que estava o velho dentista, para realizar os seus inconfessáveis fins.[...] (Lima Barreto, 1997, p. 123)

Clara estava tão encantada por Cassi Jones que, ao receber suas cartas, não atentava aos erros ortográficos e sintáticos; assim, não obstante a protagonista tivesse mais instrução e ótima ortografia, “recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas”. Mas os pais de Clara acabam por descobrir as trocas de cartas, e Clara é obrigada a confessar a sua mãe o que sucedia.

Apressou-se a contar a confissão de Clara à mãe. Engrácia odiava Cassi. Se, algum dia, tinha tido um sentimento forte, era esse de ódio ao violeiro. Não sabia bem como justificá-lo; mas tinha-lhe uma raiva, uma gana de morte. Quando Dona Margarida lhe narrou a confidência da filha, ela teve uma crise surda de rancor. Já não era só contra ele, mas contra a filha, que ela criara com tantos carinhos, tantos cuidados, para, afinal, vir a se “embeçar” por aquele borra-botas, amaldiçoado por todos, até pelo próprio pai. Serenou e tomou a resolução de contar o fato, por sua vez, a Joaquim, antes que aquele perverso de modinheiro não lhes pespegasse alguma das dele. (Lima Barreto, 1997, p. 130).

Cassi, sabendo que além de os pais de Clara não concordarem com sua aproximação à moça, havia também o padrinho que não o tolerava, resolve matar, com um cúmplice, o padrinho de Clara. Ao saber do ocorrido, Clara desconfia de Cassi, pois diversas vezes havia ameaçado de forma velada seu padrinho; no entanto, interpreta aquela atitude de Cassi com uma loucura de amor:

Imediatamente, porém, explicou esse seu ato de desvario criminoso como um esporádico ato de loucura, provocado pelo amor que tinha a ela. Era um obstáculo e... Agradava-lhe a interpretação. Não tardariam, entretanto, a se explicar de viva voz por que ela havia consentido afinal em conversar com ele na grade de casa, depois que seus pais se recolhessem. (Lima Barreto, 1997, p. 139)

Clara, depois de seu encontro com Cassi, se vê imersa em pensamentos, pois seu amado já não ia mais ao seu encontro. Isto suscita em si a preocupação com o que seria dela se ele a abandonasse. Ora, Clara no seu íntimo desconfiava e tinha medo de ser abandonada por Cassi. O enredo reflete, portanto, a vulnerabilidade da mulher especialmente naquele período histórico, trazendo à tona a realidade de muitas jovens que, após serem seduzidas e enganadas, são lançadas à própria sorte e têm de enfrentar a exclusão na sociedade – o que, em certa medida, evidencia os rígidos padrões sociais impostos à mulher no que diz respeito à sexualidade e ao papel feminino.

Se "ele" a abandonasse, ela estava completamente desmoralizada, sem esperança de remissão, de salvação, de resgate... Moça, na flor da idade, cheia de vida, seria como aquele céu belo, sedutoramente iluminado pelas estrelas, que também tinha ao lado de tanta beleza, de tanta luz, de não sabia que sublime poesia, aquela mancha negra como carvão. Cassi a teria de fato abandonado? Ela não podia crer, embora há quase dez dias não a viesse ver. Se ele a abandonasse - o que seria dela? Veio-lhe então perguntar a si mesma como se entregou. Como foi que ela se deixou perder definitivamente? (Lima Barreto, 1997, p.152)

Nessa sociedade a mulher, principalmente a mulher negra, não só sofre (quando é o caso) com a discriminação racial, também sofre com a discriminação de gênero. Clara começou a ter consciência de sua situação e se desespera, pois, embora em sua casa ninguém o percebesse, já se encontrava grávida. Assim, “em casa e fora, ainda ninguém suspeitava. Os sintomas de gravidez, por ora, não se faziam sentir. É verdade que tinha náuseas, enjoos, sem causa nem

motivo; mas ela dissimulava-os tão bem, que sua mãe nada percebia.” (Lima Barreto, 1997, p. 155).

Clara fica desesperada com sua situação e tenta encontrar alguma forma de solucionar seu problema, mas a mãe de Clara acaba descobrindo a situação em que sua filha se encontrava:

[...] Dona Engrácia não se pôde conter. Logo que compreendeu a gravidade do fato, pôs-se a chorar copiosamente, a lastimar-se, a soluçar, dizendo entre um acesso de choro e outro:

- Mas, Clara!... Clara, minha filha!... Meu Deus, meu Deus! A filha aproximou-se chorando; ajoelhou-se, juntou as mãos, em postura de oração, aos pés da mãe e, soluçando, repetiu:

- "Me perdoe", mamãe! "Me perdoe", pelo amor de Deus! (Lima Barreto, 1997, p.167)

Clara, acompanhada de Dona Margarida, amiga da família, foi à casa da mãe de Cassi para tentar resolver a situação. Quando Dona Margarida relata o ocorrido, Clara percebia a indiferença, a falta de empatia e o ar irônico da mãe de Cassi quando esta replica: “– Que é quer a senhora que eu faça?”. Essa desfaçatez deixou Clara revoltada, pois essa era sua única esperança de restaurar sua honra e de não ser rechaçada socialmente.

Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:

– Que se case comigo.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou:

– Que é que você diz, sua negra? (Lima Barreto, 1997, p.169)

E mais uma vez, a mãe de Cassi Jones acobertou os atos do filho e recebeu Clara com frieza e arrogância. Após todas essas humilhações pelas quais passou ao ir ao encontro da mãe de seu algoz, a protagonista percebe sua condição social e se deixa cair na desesperança e percebe que o escape daquela situação já não está mais em suas mãos:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos (Lima Barreto, 1997, p.171).

Os muitos cuidados e mimos que Clara recebera foram de certa forma prejudiciais e inúteis, visto que não soube como se defender do cerco de Cassi Jones que a seduziu e a abandonou, nem mesmo da mãe de Cassi, que a

discriminou racialmente (por ser uma jovem negra) e socialmente (pois considerava a situação social de Clara inferior à do filho), embora tanto a família de Clara quanto a família de Cassi, conforme dissemos, morassem nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Chegaram em casa; Joaquim ainda não tinha vindo. Dona Margarida relatou a entrevista, por entre o choro e os soluços da filha e da mãe.

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

- Mamãe! Mamãe!
- Que é minha filha?
- Nós não somos nada nesta vida. (Lima Barreto, 1997, p. 172)

Clara volta para a casa sem esperanças, ciente de sua condição social e da discriminação que sofrera, mas não havia nada que pudesse fazer para mudar a situação em que estava e ainda que mais instruída do que Cassi, essas qualidades e propriedades de nada lhe adiantaram. E analogamente ao caso de Isaías Caminha, Clara vê suas aspirações de um casamento tradicional bloqueadas por causa do mau caráter de Cassi e também, indiretamente, pela discriminação racial e social da sociedade do período republicano.

Os romances analisados traçam os dramas sociais e raciais que mulheres e homens negros vivenciaram durante o período da Primeira República – pessoas que tiveram os sonhos barrados por causa, primeiramente, da influência de teorias raciais que, secundariamente, serviram de sustentação para diversas formas de preconceitos que permeavam (e ainda permeiam) a moderna sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho realizou uma análise da representatividade social nas obras *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Clara dos Anjos*, mais especificamente com base numa visão sociológica e cultural que evidencia a relevância que a literatura possui numa sociedade, conforme assume uma posição denunciadora. Ao longo das análises, constatou-se que Lima Barreto possui um olhar voltado para as pessoas mais pobres e desfavorecidas e principalmente para as pessoas negras.

Lima Barreto, enquanto homem negro, morador dos subúrbios do Rio de Janeiro, sofreu limitações, discriminação racial e social, e, em suas produções, evidencia sua preocupação com seus “irmãos de cor” e deixa claro sua revolta com a marginalidade que é reservada à pessoa negra. Lima Barreto, por meio de sua literatura, atua de maneira que seu engajamento em causas sociais possibilita realizar crítica e incisivamente denúncias das mazelas sociais, bem como uma representação então quase inédita do sofrimento causado pela discriminação racial e social, num momento em que diversos estratos sociais celebravam, em tom eufórico, os processos de modernização da cidade carioca e da estrutura política do país.

As obras analisadas têm como pano de fundo histórico e ficcional o período da Primeira República, momento histórico em que o país passava por diversas transformações ideológicas, urbanas, políticas, culturais e sociais; a população negra e menos desfavorecida estava vivendo em situações degradantes, pois, além das precariedades materiais oriundas do antigo sistema escravagista, havia ideologias que pregavam uma hierarquia racial na qual o homem branco era considerado superior, e o homem negro, inferior e destituído de direitos.

Nas obras estudadas o autor faz críticas a essas ideologias, assim como a questões do preconceito racial e social (e, em menor medida, ao preconceito de gênero), em suma, aos obstáculos impostos à ascensão social das camadas populares.

É uma problemática ainda muito presente na sociedade atual; e não obstante tenha ocorrido certo progresso em relação às ideologias daquela época, isso obviamente não nega que ainda perdurem preconceitos raciais, sociais e desigualdades em todos os setores da sociedade.

Embora a literatura possua um papel diferente da sociologia, história, antropologia e outras ciências, ela, no entanto, se funda na capacidade expressiva do ser humano, e por meio da capacidade de nos fazer identificar e criar empatia por personagens e de reviver imaginativamente alguns elementos, faz-nos também perceber e pensar nos problemas apontados por esses saberes sistematizados.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**; Série Bom Livro. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos e outras histórias**; Prefácio de Sergio Buarque de Holanda, Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

BARRETO, Lima. **Contos completos**. Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarz, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: **vários escritos**; 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GRUNER, Clóvis. De uma revolta a outra: memória, história e ressentimento em Lima Barreto. **Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte** 8.13 (2006): 85-95.

SÁNCHEZ, José A. **Cuerpos ajenos**. Segovia: Ediciones La uÑa RoTa, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930**, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo, Brasiliense, 1999.

SILVA, Alexandre Batista da; COSTA, Elisa Andrade; RIBEIRO, Hilma; "Clara dos Anjos: A Continuidade do Racismo no Brasil Pós-Abolição", p. 161-178. **Lima Barreto na sala de aula: questões raciais e de gênero - Vol. 2**. São Paulo: Blucher, 2022.

SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.